

recolhendo para o mosteiro, onde se acham já mais de oitenta exercendo os actos da comunidade (...)»⁴³

Ainda segundo a resposta do pároco da freguesia do Salvador ao inquérito de 1758, sabemos que à data: «(...) a igreja se acha só com o altar mayor, e os dois da parte do Evangelho e da Epistola em pé (...) todos os mais razos por cauza do dito terremoto, que conservavão des».⁴⁴ Resta referir que em 1833, data em que Luís Pereira Gonzaga escreve a sua obra *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*⁴⁵, a igreja e mosteiro do Salvador apresentam-se completamente reconstruídos, sendo que podemos concluir que do primitivo recheio artístico da mesma pouco ou nada se terá salvado, concretamente no que se refere aos altares de talha nela existentes antes do cataclismo de 1755.

2.5. A IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA JOANA

2.5.1. BREVE RESENHA HISTÓRICA

Erigido por vínculo testamentário de D. Álvaro de Castro, poder-se-ia dizer que o convento de Santa Joana beneficiou de circunstâncias aleatórias para a sua fundação. Por vontade de D. Álvaro de Castro — fidalgo que teria acompanhado D. Sebastião na cruzada contra os mouros —, uma quinta que possuía junto ao convento de Santa Marta seria deixada em herança aos frades dominicanos de São Domingos de Benfica, caso não houvesse descendência sua em linha directa. Tal veio a suceder em 1697, quando, por falecimento de D. João de Castro Telles, se extinguiu a sua linhagem e, conseqüentemente, se deu início ao processo de posse por parte dos frades pregadores de São Domingos de Benfica da herança a eles legada pelo acima referido D. Álvaro de Castro.⁴⁶

O reconhecimento e necessário alvará régio para a construção do novo convento dominicano chegou a 20 de Setembro de 1698, quando D. Pedro II concede licença aos frades para, em conformidade com o disposto no testamento de D. Álvaro de Castro, encetarem todas as diligências a fim de erguerem novo cenóbio no local que foi quinta de recreio dos Castros. D. Pedro II ratifica a pretensão dos frades, concedendo-lhes alvará que determina a invocação do convento: seria dedicado a Santa Joana Princesa, que professou na ordem dominicana em Aveiro. Concomitantemente, define-lhe

o objectivo imediato: formar religiosos missionários com destino à Índia Oriental.

A primeira pedra do futuro cenóbio dominicano seria lançada a 25 de Novembro de 1699 e, no dizer do cronista, era: «(...) a architectura moderna; formão o corpo da Igreja quatro Capellas á face della. Abre-se a maior com hum airoso arco, e vão espaçoso em correspondencia de toda a obra, a que algumas janellas em proporção introduzem a muita luz, que lhe serve de alma (...)».⁴⁷

Segundo o testemunho dos cronistas, o terramoto do dia de Todos-os-Santos de 1755 não terá causado estragos de maior ao convento de Santa Joana, motivo pelo qual será destinado a recolher as freiras sobreviventes dos mosteiros da Rosa e da Anunciada, que viram as suas casas arruinadas pelo mesmo cataclismo. Os frades lá moradores, em pouco número, mudaram-se, deixando o espaço para as suas «irmãs». É só a partir desta data que o convento de Santa Joana Princesa passa a ser recolhimento de freiras dominicanas, sendo que a sua fundação e feição lhe foram definidas pelos padres dominicanos do cenóbio de Benfica. Reedificado pela acção de D. José I⁴⁸, nele são apontados os estuques do tecto como pertencentes à escola de João Grossi, solução muito utilizada na reconstrução de tectos do pós-terramoto, como atestam os tectos das igrejas de Santa Catarina, ou dos Paulistas e da igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora de Jesus.⁴⁹

2.5.2. A OBRA DE TALHA

Acerca do acervo de obra de talha existente no mosteiro de Santa Joana, as informações disponíveis são, uma vez mais, parcimoniosas. Gonzaga Pereira refere: «(...) Toda esta Igreja dá perfeita ideia da Igreja do Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação (...)»⁵⁰ Assim sendo, e tendo presente as características do recheio artístico da igreja do mosteiro das comendadeiras de Avis, estaríamos perante uma igreja que consagraria no seu interior os princípios estéticos da arte barroca joanina. Possivelmente, conservaria ainda no seu interior as suas capelas⁵¹ de talha dourada, revestimento azulejar e embutidos de mármore.

O testemunho de Gabriel Pereira, datado de 1909, traça um panorama desolador do estado de conservação das antigas dependências conventuais e da igreja. Diz ele: «Hoje o edifício de Santa Joana está em

*Monjas dominicanas - Presença arte e património em Lisboa, Lisboa, Alêtheia
Dez. 2008, p. 178, 180, 181 e 186*

295 PT
BELAS - Ig. Paqueta
Imagem de N. S. Fátima

parte destruído (...). Está de pé a igreja e o côro de cima. Este ameaça ruína rápida, mas ainda lá avistei muita obra de talha dourada e polychromica, de que talvez fosse ainda possível salvar alguns trechos (...). Os azulejos são bons; tem imagens de boa escultura (...). Ali ha pinturas em tela e nos estuques, azulejos, obras de talha, escultura de imagens, rendas e bordados de paramentos, e as lindas grades de ferro tão singulares (...).»⁵²

Elucidativo e desencantado é também o relatório feito pelo inventariante da Fazenda Pública, que escreve a 31 de Outubro de 1916: «Dos conventos suprimidos de Lisboa o que possuía igreja mais notavel pela originalidade do côro, ante-côro e sub-côro, decorados de valiosas capelas e com variados objectos de culto de alto valor pela sua antiguidade e merito artistico, era sem duvida o de Santa Joana, onde se encontra instalado parte do arquivo d'esta Repartição.

«Todas essas preciosidades foram levadas para o Museu Nacional. No côro, apenas, ficou um altar de reconhecido valor pelo motivo de ser a repetição de outro. De modo, que todas as paredes d'aquelas dependencias se encontram escaçadas, havendo aqui ou acolá um ou outro fragmento de obra de talha e varios objectos como algumas imagens, poucos moveis, armarios antigos, quadros soltos e apainelados nos tectos.»⁵³

→ No inventário dos bens móveis do mosteiro de Santa Joana Princesa, elaborado ao tempo da desafecção do mosteiro, são referidos quatro altares a serem deslocados da extinta igreja das monjas Dominicanas e a serem entregues na igreja da Misericórdia de Belas, arredores de Lisboa.⁵⁴ Referenciam-se estes altares como sendo de madeira de carvalho, um deles de quatro colunas, dois de duas colunas e um com representação pictórica ao centro.⁵⁵

Pelo que pudemos constatar, através de observação no local, três altares deslocados do extinto mosteiro de Santa Joana foram efectivamente trasladados para a actual igreja paroquial de Belas, onde continuam a exercer parte das funções para as quais foram edificados. O altar-mor inscreve-se já nos parâmetros estilísticos da arte retabular neoclássica, enquanto os da nave ainda patenteiam as soluções estruturais e decorativas do denominado «estilo nacional» da talha portuguesa, embora já com alguns elementos decorativos que virão a ser utilizados no «estilo joanino». ⁵⁶ Apesar das sucessivas intervenções de «restauro» de que foram alvo ao longo dos anos, con-

[Um dos altares, N.º 3 de
fábrica, p. 181]

servam ainda os traços primitivos do estilo em questão a saber: duplas colunas pseudo-salomónicas articuladas com intercolúnios e remate em arco de volta perfeita. Os seus elementos decorativos fazem parte da panóplia ornamental frequente nestes retábulos: aves Fénix, decoração fitomórfica, principalmente acântica, e alguns apontamentos de elementos concheados e florais que apontam já para uma transição de gosto em direcção às soluções decorativas mais utilizadas nas duas primeiras décadas da centúria de Setecentos.

Sabemos ainda que muita da talha foi deslocada e desmantelada. Desta, parte foi vendida em hasta pública: pedaços de altares, entre os quais se contavam colunas, mísulas, ornatos diversos, caixilhos, nichos, peanhas, oratórios, entre outros, são arrematados, seguindo destinos díspares sem história, nem rasto.⁵⁷

2.6. A IGREJA DO MOSTEIRO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

2.6.1. BREVE RESENHA HISTÓRICA

Fundado em 1606, pelos condes de Vimioso, D. Luís de Portugal e sua mulher D. Joana de Mendonça, com a intercessão de Fr. João de Portugal, que mais tarde veio a ser seu vigário perpétuo e bispo de Viseu, o mosteiro do Santíssimo Sacramento começou a ser construído em 1612, sendo que em 1616 se dá a mudança das religiosas das casas onde estavam provisoriamente recolhidas — a São Vicente de Fora — para o novo mosteiro, situado à Pampilha, zona sobranceira ao rio Tejo.⁵⁸

Uma vez mais estamos perante uma fundação por acção mecenática de uma das mais influentes famílias nobres do reino à época. À fundadora, a condessa do Vimioso, juntaram-se na clausura outras senhoras de linhagem nobre, tais como a marquesa de Aguiar e duas de suas filhas ou D. Madalena de Vilhena, mulher de D. Manuel de Sousa Coutinho, que mais tarde professaria com o nome de Frei Luís de Sousa.⁵⁹ A estas juntam-se no século seguinte senhoras das casas nobres dos marqueses de Alegrete, Nisa e Valença, Fronteira, dos condes de Coculim, entre outras.⁶⁰

Segundo testemunho do Padre João Bautista de Castro na sua obra *Mappa de Portugal*, este convento não teria sofrido danos de maior com a acção do terramoto de 1755, sendo que a sua reparação terá sido célere.⁶¹



Retábulo de Nossa Senhora de Fátima na igreja matriz de Belas

- 29 Em Lisboa, esta nova linguagem decorativa oriunda da corte francesa conhece poucos exemplares remanescentes. Aponta-se, geralmente, o terramoto de 1755 como uma das causas desta notória escassez. A necessidade de rápida reconstrução das igrejas e dos seus altares e os avultados custos inerentes a estas obras não permitiram o desenvolvimento desta nova linguagem decorativa, que no Norte do país deu lugar aos exemplares lusos mais significativos. Contudo, na capital, subsistem alguns altares que apresentam influência da linguagem decorativa do «estilo regência», nomeadamente, na igreja de Nossa Senhora de Jesus – antiga igreja do convento franciscano da mesma invocação –, situados no transepto e afrontados entre si, na igreja da Madre de Deus e na igreja de São Miguel de Alfama, nos altares da nave.
- 30 *Ide* nota 25.
- 31 D. Joana de Sousa e Ataíde foi segunda mulher de D. Luís de Brito e Nogueira, senhor dos morgados de São Lourenço de Lisboa e de Santo Estêvão em Beja. Não tiveram descendência. Cf. D. António Caetano de Sousa, *op. cit.*, Tomo XII, 2.^a parte, p. 272.
- 32 Cf. Frei Lucas de Santa Catarina, *op. cit.*, p. 87.
- 33 Cf. *idem, ibidem*, pp. 88-89.
- 34 *História dos Mosteiros (...)*, p. 312.
- 35 Frei Agostinho de Santa Maria, *op. cit.*, p. 257.
- 36 Cf. Fernando Portugal e Alfredo de Matos, *Lisboa em 1758. Memórias Paroquiais de Lisboa*, Lisboa, Coimbra Editora, 1974, p. 147.
- 37 Cf. Bernardo de Vasconcelos e Sousa, *op. cit.*, p. 401.
- 38 Cf. Frei Lucas de Santa Catarina, *op. cit.*, pp. 742-46, e Bernardo de Vasconcelos e Sousa, *op. cit.*, p. 394.
- 39 Cf. Bernardo de Vasconcelos e Sousa, *op. cit.*, p. 395, e Pe. João Bautista de Castro, *op. cit.*, p. 246. Sobre a história da fundação, da tradição da devoção ao Santíssimo Sacramento e vidas de algumas religiosas mais proeminentes, cf. Madre Soror Maria do Baptista, *Livro do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa (...)*, Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1618.
- 40 IAN/TT, C.N.L., n.º 1 (actual n.º 2), Cx. 64, L.º 322, fls. 110v-112.
- 41 Cf. *História dos Mosteiros (...)*, p. 299.
- 42 Cf. *idem*, p. 300.
- 43 Francisco Luís Pereira de Sousa, *O Terramoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal e um Estudo Demográfico*, Vol. III – Distrito de Lisboa, Lisboa, Tipografia do Comércio, pp. 685-86. A obra de Pereira de Sousa recolhe informações de várias fontes que apresentam relatos sobre as consequências do sismo de 1 de Novembro de 1755 em vários edifícios da cidade de Lisboa e seus limites. Por tal, nesta obra reconhecem-se informações díspares sobre o grau de ruína dos edifícios abordados.
- 44 Fernando Portugal e Alfredo de Matos, *op. cit.*, p. 241.
- 45 Cf. Luís Gonzaga Pereira, *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1927 (1.^a edição 1840), pp. 284-87.
- 46 Cf. Frei Lucas de Santa Catarina, *op. cit.*, pp. 639-42.
- 47 *Idem, ibidem*, p. 642.
- 48 Cf. Pe. João Bautista de Castro, *op. cit.*, p. 170.
- 49 Cf. Gabriela de Carvalho, «Santa Joana (Convento de)», in Francisco Santana e Eduardo Sucena (dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas & Associados, 1994, p. 845; Gabriel Pereira, *A Igreja e o Mosteiro de Santa Joana*, Lisboa, Tipografia da Casa da Moeda, 1909; e Luís Gonzaga Pereira, *op. cit.*, pp. 296-99.
- 50 Luís Gonzaga Pereira, *op. cit.*, p. 299.
- 51 Segundo o autor citado na nota supra, a igreja de Santa Joana possuía oito capelas: a mor, duas colaterais, três do lado do Evangelho e duas do lado da Epístola. Cf. *idem, ibidem*, p. 298.
- 52 Gabriel Pereira, *op. cit.*, p. 14.
- 53 IAN/TT, *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças*, Processo do convento dominicano de Santa Joana de Lisboa, Cx. 1976, capilha 9 IV/A/13(135).
- 54 *Idem*, Cx. 1978, IV/A/15/30. Hoje apenas se observam três altares na igreja matriz de Belas, que terão sido deslocados da igreja do mosteiro de Santa Joana. São eles o retábulo-mor e dois afrontados entre si na nave.
- 55 *Idem*, Cx. 1979, IV/A/15/52.
- 56 Sobre a nomenclatura «estilo nacional» e «estilo joanino», criada pelo historiador de arte norte-americano Robert Smith, cf. a sua obra nuclear no que à obra de talha portuguesa concerne: Robert Smith, *A Talha em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1962.
- 57 IAN/TT, *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças*, Processo do convento dominicano de Santa Joana de Lisboa, Cx. 1978, IV/A/15/30.
- 58 Cf. Frei Lucas de Santa Catarina, *op. cit.*, pp. 432-37, e E.G.R., «Sacramento (Convento do Santíssimo)», in Francisco Santana e Eduardo Sucena (dir.), *Dicionário de História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas & Associados, 1994, pp. 830-33.
- 59 Frei Luís de Sousa é o autor da primeira e segunda partes da crónica da ordem de São Domingos. Professou no convento de São Domingos de Benfica, vindo a falecer em Maio de 1632. Cf. D. António Caetano de Sousa, *op. cit.*, Tomo XII, 1.^a parte, p. 215.
- 60 Cf. E.G.R., *op. cit.*, pp. 830-31.
- 61 Cf. Pe. João Bautista de Castro, *op. cit.*, p. 253.
- 62 Frei Lucas de Santa Catarina, *op. cit.*, pp. 1090-91.
- 63 Sobre esta peça, cf. Adília Alarcão (coord.), *Museu Nacional Machado de Castro. Roteiro*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 2005, p. 84, e Jay Levenson, *The Age of The Baroque in Portugal*, Washington, National Gallery of Art, 1993, p. 286.
- 64 Frei Lucas de Santa Catarina, *op. cit.*, pp. 1092-93.
- 65 Refira-se, a título de exemplo, o retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora de ao Pé da Cruz, localizada na cidade de Beja. O entalhador responsável por esta obra, Manuel João da Fonseca, residente em Lisboa, executou uma bem dimensionada charola que ainda pontifica no centro da tribuna deste altar. Apesar de muito utilizadas pelos mestres entalhadores da capital nas suas obras de finais do século XVII e princípios do XVIII, os exemplos subsistentes são escassos.
- 66 Cf. Pe. João Bautista de Castro, *op. cit.*, p. 253.